Palavra: Dispositivo/ Word: Device

Mozahir Salomão Bruck¹

Resumo

O objetivo do texto é resgatar os olhares múltiplos que o termo dispositivo recebeu nos últimos anos nos diversos campos de conhecimento com ênfase na Ciência da Comunicação. O autor trata de pesquisadores como Klein, que destaca os estudos de Foucault e Deleuze, e as leituras por vários autores como Chateaubaud, para quem dispositivo é a tecnologia enquanto mediação; analisa Agamben e Deleuze que tentaram explicar a que Foucault se referiu quando tratou de uma filosofia do dispositivo e, por fim, menciona os estudos de Braga como um dos empreendimentos epistemológicos mais recentes e aprofundados no Brasil acerca dos dispositivos no campo da Comunicação.

Palavras-chave: Dispositivo; conhecimento; epistemologia.

Abstract

The text aims at recollecting the multiple considerations that the term *device* has received over the last years in the various fields of knowledge with emphasis on the Communication Sciences. The author deals with researchers such as Klein, who points out the studies of Foucault and Deleuze and the readings by several authors like Chateaubaud, to whom *device* is technology as a means of mediation; he also analyzes Deleuze and Agamben's attempt to explain what Foucault meant when he dealt with a philosophy of the device and, finally, he refers to Braga's studies as one of the most recent and deep epistemological undertaking about the devices in the communication field in Brazil.

Keywords: Device; knowledge; epistemology.

¹ Jornalista, professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas, Mestre em Comunicação pela UFRJ e Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas.

Não sem motivo, é possível perceber certa permissividade por parte de autores dos mais diversos campos de conhecimento no que diz respeito ao uso do termo dispositivo. Algumas vezes, este aparece em textos como a indicação de noções tão aproximadas que poder-se-ia percebê-las, naquela aplicação, como idênticas. Por vezes, os significados que evoca apresentam divergências entre si, mas, especialmente, chamam a atenção pela imprecisão das qualificações e sentidos que pode acabar por produzir. Não se pode desconsiderar, importante dizê-lo, que mesmo no discurso científico tais denominações nem sempre são devidamente descoladas dos próprios significados que adquiriram e adquirem no senso comum.

A respeito do termo dispositivo - pode-se dizer que seus usos ganham contornos, muitas vezes, de um recurso retórico que os lança em condições e circunstâncias de um conceito geral (referimo-nos aqui àqueles termos de aplicação genérica, mas predicativa e preditiva que antecipam, no sentido de uma pré-legibilidade, e auxiliam na compreensão da noção/ideia em descrição). É um primeiro dizer, uma sinalização inicial que, como recurso, permitirá à especificação e detalhamento da ideia à qual se deseja dar a conhecer. Poderíamos nomeá-la de uma 'ideia-força' que alavanca o dizer, lança pontes à tentativa de melhor compreensão do conceito de fundo – o processo, ou seja, a nuclear especificidade do conhecimento em questão. Em muitas situações, a ideia de dispositivo acaba por nomear um movimento, uma circunstância, uma passagem - menos que um processo ou uma fase de um processo, um estado.

Os dispositivos receberam nos últimos anos olhares múltiplos, de lugares distintos, Estudos que buscaram percebê-lo de perspectivas diversas, determinadas, claro, pelo interesse específico de cada autor. Klein (2007) destaca os estudos de Daniel Peraya, que apresentam uma perspectiva teórica que ultrapassa a unidimensionalidade do dispositivo midiático, ou seja, acrescenta um passo importante numa perspectiva mais ampla. Sua proposta para os dispositivos midiáticos é triádica, onde estão em destaque a sociedade, a tecnologia e a linguagem. O dispositivo aparece como um lugar das interações entre os três universos: uma tecnologia, um sistema de relações sociais e um sistema de representações. Perspectiva próxima pode ser observada em Rodrigues (1994), que também salienta o dispositivo como um conjunto de regras “de gestão” das interações (tomadas de palavra, réplicas, uso de mecanismos de repetição, correção etc.). Para Rodrigues, o conceito de dispositivo deve associar a linguagem e a sociedade em que esta se insere. Autores como Chareau, de outra forma, entendem que o dispositivo é a tecnologia enquanto mediação, através da qual os meios (materiais significantes) são colocados em relação aos suportes. O dispositivo seria, portanto, composto de elementos materiais, ou seja, do suporte físico que carrega a mensagem. – um conjunto de circunstâncias materiais.

Antes de ‘dispositivo’, talvez, o termo suporte é que primeiro tenha aparecido nos estudos de comunicação. Aliás, muitas vezes o termo ‘dispositivo’ é percebido como uma readequação e sofisticação ou aprimoramento em relação ao primeiro. Cabe lembrar que ambos já estavam presentes, de modo corrente, em distintas áreas de estudo como as ciências exatas, biológicas, áreas outras como a psicologia e psicanálise e ainda no campo da lingüística e da literatura. Na comunicação, a utilização do conceito de suporte avançou de uma perspectiva técnico-tecnológica para o plano das estruturas de produção, chegando aos estudos de natureza narrativa – os conteúdos e os discursos. Com a noção de ‘dispositivo’ também não foi diferente.

Os dispositivos têm sido, de modo mais recorrente, entendidos como dinâmicas matrizes que orientam e que co-determinam os vínculos que os receptores estabelecem em processos amplos e difusos de oferta discursiva. Os dispositivos podem constituir-se, assim, por estruturas, agenciamentos e pontos de

vinculação em que há um modo próprio de significar: as discursividades. Os dispositivos têm autonomia para produzir suas tessituras, mas que seguem também prescrições que vêm de outros campos. É um permanente jogo, uma disputa de validação, em que engrenagens não rígidas e muito menos constantes se movimentam e se alteram.

Antes de Foucault, já no pós-guerra, autores como Heidegger (a essência da técnica como desocultamento e a visão moderna da técnica, o *Ge-steell* – o aparato, o dispositivo), Simondon, e depois desses, pensadores como Deleuze, Aumont, entre outros vários, se dedicaram à tarefa complexa de tentar explicitar o que o dispositivo pode expressar, tentando compreendê-lo de modo mais aprofundado e articulado ao pensamento filosófico. Mais recentemente, Agamben se valeu da noção de dispositivo desenvolvida por Foucault e Deleuze e apresentou releituras relacionando-as a condições determinadas pelo que se convencionou denominar contemporaneidade. Em textos homônimos, Agamben e Deleuze tentaram, mais do que explicar o que é o dispositivo em Foucault - e talvez não fosse esse realmente o foco mais importante – nos mostrar a que Foucault se referiu quando tratou dos dispositivos. Mais ainda, dentro do pensamento foucaultiano, discriminar não apenas a importância desses estudos, mas por que o filósofo francês se detém na tentativa de melhor compreendê-lo e a importância de estudá-lo na perspectiva dos regimes de visibilidade e de poder.

Em sua leitura sobre os dispositivos, a partir de Foucault, Gilles Deleuze (1990) assinala que a história dos dispositivos é a história dos regimes de luz e dos enunciados. Ressalta, enfaticamente, que o dispositivo é uma ocorrência em que perpassam enfeixamentos de linhas em movimento e de curvas que são tangenciadas em função de variáveis múltiplas que lhe são internas e externas. Linhas de força, linhas de luz e linhas de enunciação que não circunscrevem ou envolvem sistemas homogêneos. Antes, seguem direções, traçam processos que se mostram sempre em desequilíbrio e que continuamente se afastam e se aproximam uma das outras. Deleuze destaca também as dimensões que compõem um dispositivo: de visibilidade, de enunciação, de subjetivação e, por fim, o conceito matricial em Foucault, a dimensão do poder – que Deleuze afirma ser a terceira dimensão do espaço, interior ao dispositivo, e, por isso mesmo, variável

com e como eles. Por último, Deleuze nos lembra que estamos todos, de algum modo, ligados a dispositivos e neles agimos. E que o dispositivo, agente motriz do mundo, mas também sempre resultado desse mundo, tende à atualização. Ao novo. Por isso, pode-se dizer que a atualidade de um dispositivo é sempre a novidade de um dispositivo em relação aos que o precederam.

O novo é o actual. O actual não é o que somos, mas aquilo em que vamos nos tornando, aquilo que somos em devir, quer dizer, o Outro, o nosso devir-Outro. É necessário distinguir, em todo o dispositivo, o que somos (o que não seremos mais) e aquilo que somos em devir: a parte da história e a parte do actual. (DELEUZE, 1990, p. 160).

Deleuze nos deixa, em seu texto, contundentes questões acerca do jogo história>> razão >> subjetivação e, talvez, com elas a expressão de um profundo desejo de que a filosofia do dispositivo de Foucault fosse mais radicalmente compreendida. Recupera em Foucault a força da revelação que traz o diagnóstico e a descrição do dispositivo, pois “dissipa em nós a identidade temporal em que gostamos de olhar para nós próprios para exorcizar as rupturas da história”. (FOUCAULT, 2009, p.149). Uma das grandes interrogações que Foucault nos deixa, na opinião de Deleuze, diz respeito aos novos modos de subjetivação em um mundo que se altera cada vez mais rapidamente. Os dispositivos, para Foucault, traduzem, de algum modo, como o mundo se move, se estrutura em termos das redes de poder e dos seus regimes de visibilidade e, por isso mesmo, como se atualiza. Daí, a enorme importância que ele lhes dá no curso de seus estudos.

Os termos suporte e dispositivo passaram a receber atenção e, portanto, estarem mais presentes no vocabulário usual das ciências da comunicação, pode-se dizer, nas últimas cinco décadas. Não seria incorreto afirmar que a captura e perfiliação desses conceitos por parte dos pesquisadores da área da comunicação tiveram o patrocínio das importantes e rapidíssimas mudanças verificadas na complexificação dos processos de produção e circulação da informação, destacadamente a partir da gigantesca onda de digitalização e virtualização do ambiente comunicacional.

No campo da comunicação, pode-se afirmar que o empreendimento epistemológico mais recente e aprofundado acerca dos dispositivos é o que tem

sido realizado pelo pesquisador José Luiz Braga². Depois de ter se dedicado ao tema em seu livro *A sociedade enfrenta a sua mídia*, em que aborda os chamados dispositivos críticos, o professor Braga ampliou essa discussão e, no último encontro da Compós, quando apresentou o texto *Dispositivos Interacionais*, o autor parte da hipótese de que os “dispositivos interacionais” – entendidos como um fenômeno comunicacional abrangente - são um lugar adequado para fazer dialogar e tensionar mutuamente a grande diversidade de temas e abordagens observáveis hoje nos estudos da comunicação, mas sobre o qual não dispomos de reflexões suficientes de conjunto. Ainda nesse texto, o Prof. José Luiz Braga reitera a riqueza da diversidade da investigação no campo comunicacional, mas assinala a importância de enfrentar a dispersão.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo**. Chapecó: Argos, 2009.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. In: ENCONTRO COMPÓS, 20, 2011, Porto Alegre. Disponível em: <www.compos.org.br/data/biblioteca_1657.doc>

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

KLEIN, Otávio. A gênese do conceito de dispositivo e sua utilização nos estudos midiáticos. **Estudos em Comunicação**, n. 1, p. 215-231, abr. 2007. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/01/_docs/artigos/klein-otavio-genese-do-conceito-de-dispositivo.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2011.

RODRIGUES, Adriano D. O dispositivo da enunciação. In: RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação**. Lisboa: Presença, 1994. p. 141-156.

² Neste número da Dispositiva, o pesquisador José Luiz Braga concede entrevista sobre o assunto.